

## APÊNDICE

*“Não se pode falar de Nietzsche, sem relacioná-lo claramente à atualidade”\**

### O Nietzsche “francês” nas páginas da *Zeitschrift für Sozialforschung*”

ERNANI CHAVES

Universidade Federal do Pará

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo apresentar os principais pontos da discussão ocorrida nas páginas da *Zeitschrift für Sozialforschung*, a revista do Instituto de Pesquisa Social, a propósito da interpretação francesa de Nietzsche, nos anos imediatamente anteriores à eclosão da Segunda Guerra Mundial. Privilegia-se as resenhas publicadas na *Zeitschrift*, em especial as de Karl Löwith e Max Horkheimer, acerca do livro de Karl Jaspers sobre Nietzsche, publicado na Alemanha em 1936, e que recebera uma acolhida favorável nos círculos franceses ligados a Jean Wahl e à revista *Recherches philosophiques*. Trata-se de importante capítulo da história da recepção das idéias de Nietzsche, num momento em que sua filosofia estava sendo apropriada pelo nazismo.

**PALVARAS-CHAVES:** atualidade, existencialismo, história, crítica.

**ABSTRACT:** This article presents the main points discussed in the pages of *Zeitschrift für Sozialforschung*, publication of the Institute of Social Research, concerning the French interpretation of Nietzsche in the years that preceded the Second World War. A privilege will be conceded to the reviews published in the *Zeitschrift*, particularly those written by Karl Löwith and Max Horkheimer concerning Karl Jaspers' book about Nietzsche, published in Germany in 1936, which was well received by the french circles bonded to Jean Wahl and the publication *Recherches philosophiques*. That's an important chapter in the history of the reception of Nietzsche's ideas in a moment that his philosophy was being appropriated by Nazism.

**KEYWORDS:** present time, existentialism, history, critics.

\* Horkheimer, M. “Bermekungen zur Jaspers' Nietzsche”. *Zeitschrift für Sozialforschung*, Jahrgang VI/137, p. 406. Este artigo é a versão em português do artigo com o mesmo título, publicado em: Stigenlin; M.; Pornschlegel, C. (Hrsg.). *Nietzsche und Frankreich*. Berlin: Walter de Gruyter, 2009. Agradeço ao CNPQ e ao DAAD, pelo apoio para a realização da pesquisa que originou este artigo. As fontes bibliográficas foram pesquisadas na Biblioteca Municipal de Berlin, na Biblioteca “Duquesa Anna Amália” em Weimar, e na Biblioteca do Centro “George Pompidour”, em Paris.

A partir de janeiro de 1931, Max Horkheimer assume, oficialmente, a direção do Institut für Sozialforschung, ligado à Universidade de Frankfurt, onde o próprio Horkheimer se tornara professor de Filosofia Social. A assunção de Horkheimer não significou apenas uma mudança na direção burocrática do Instituto, mas, principalmente, na sua perspectiva teórico-prática, qual seja, a idéia de um programa interdisciplinar de pesquisa, em que confluem filosofia, psicanálise, sociologia, economia e uma reflexão sobre as artes. A criação de uma revista, a *Zeitschrift für Sozialforschung*, de periodicidade semestral, coroou, de algum modo, essa mudança.

O primeiro número da Revista apareceu no verão de 1932, tornando-se, assim, a primeira publicação do Instituto na gestão de Horkheimer. Aliás, é importante ressaltar que tanto o programa interdisciplinar de pesquisa quanto a criação da revista foram ideias do próprio Horkheimer, que ia, assim, imprimindo sua própria marca no Instituto.<sup>1</sup> Nos seus três primeiros anos, o redator-chefe foi Leo Lowenthal, que não tinha nenhum compromisso universitário, e que havia abandonado seu posto de professor no ginásio para dedicar-se inteiramente às suas atividades no Instituto. A revista era, na ocasião, publicada pela editora Hirschfeld, de Leipzig, a mesma que publicara o *Archiv für die Geschichte des Sozialismus und der Arbeitbewegung*, que antecederia a *Zeitschrift*, durante o período em que o historiador Carl Grünberg dirigira o Instituto. Entretanto, embora as duas revistas tivessem em comum uma mesma apresentação visual, diferenciavam-se bastante do ponto de vista da organização do conteúdo. A *Zeitschrift* compunha-se, fundamentalmente, de artigos e resenhas. A partir da imigração, os artigos eram escritos exclusivamente pelos membros do Instituto, enquanto as resenhas, também escritas por convidados ilustres como, por exemplo, Karl Löwith e Raymond Aron, eram distribuídas em seções, de acordo com os diferentes ramos do conhecimento: filosofia, sociologia geral, psicologia, história, política

---

1. Cf. Wiggershaus, R. *Die Frankfurter Schule. Geschichte. Theoretische Entwicklung. Politische Bedeutung*, 2. Auflage. München: DTV Verlag, 1989, p. 135.

e movimentos sociais, sociologia específica, economia e literatura. Segundo Alfred Schimdt, a *Zeitschrift* “constitui um dos maiores documentos do espírito europeu deste século [isto é, do século XX]” e diferencia-se de outras revistas semelhantes, na medida em que “perseguir um programa unitário, sem que, por isso, as inclinações individuais e os interesses dos colaboradores ou mesmo a reivindicação de cientificidade tivessem sido diminuídas”.<sup>2</sup>

Atento às possíveis graves conseqüências da ascensão de Hitler ao poder, após sua confirmação como Chanceler pelo presidente Hindenburg em 30 de janeiro de 1933, Horkheimer cuidou, imediatamente, da sobrevivência da instituição. Ainda em fevereiro de 1933, instalou em Genebra uma “Société Internationale de Recherces Sociales” e, logo em seguida, duas representações do Instituto no exterior: uma, em Paris, no Centre de Documentation da École Normale Supérieure, dirigida por Celestin Bouglé, discípulo de Durkheim, e outra em Londres, na Le Play House do Londoner Institute of Sociology. Os acontecimentos justificaram a lucidez de Horkheimer: em 13 de março de 1933, a sede do Instituto em Frankfurt foi ocupada pela polícia e fechada.

Embora a sede da administração do Instituto fosse em Genebra, o escritório de Paris assumiu, sem dúvida, o papel mais relevante nos anos da imigração que antecederam o início da Segunda Guerra Mundial. De acordo com Rolf Wiggershaus, o escritório de Paris ganhou toda sua importância por três motivos: 1) por estar em Paris a nova editora do Instituto, a prestigiada Felix Alcan, que passou a publicar a *Zeitschrift*; 2) por se tornar o ponto de convergência dos projetos empíricos do Instituto financiados internacionalmente e; enfim, 3) por ter se tornado uma es-

---

2. Schimdt, A. “Die *Zeitschrift für Sozialforschung* und seine Gegenwärtigen Bedeutung”. In: *Zeitschrift für Sozialforschung*. Photomechanischer Nachdruck mit Genehmigung des Herausgebers. München: Kösel-Verlag, 1970, p.5. Entretanto, não podemos deixar de mencionar que o debate em torno da publicação de alguns artigos de Benjamin escritos para a *Zeitschrift* mostra, ao contrário da observação de Schimdt, que o clima na Revista em relação às “inclinações individuais” e aos “interesses dos colaboradores” nem sempre era dos mais amistosos.

pécie de posto avançado do Instituto na Europa.<sup>3</sup> A Librairie Felix Alcan assume a impressão e a administração da *Zeitschrift* a partir do quarto número, isto é, do segundo número a ser publicado em 1933, depois de Hirschfeld, o editor alemão, ter comunicado a Horkheimer que não poderia mais correr riscos, tendo em vista a nova situação política. Conforme o contrato com a Felix Alcan, o Instituto garantia 300 assinaturas, enquanto a editora se responsabilizava pela tiragem de 800 exemplares e mais 50 exemplares para propaganda. Além disso, a editora tornava possível a continuidade do espírito da Revista como uma “publicação científica em língua alemã”<sup>4</sup>, embora aceitasse artigos e resenhas em francês e inglês. O diretor do escritório de Paris até 1936 foi Paul Honigsheim, que tinha sido assistente do sociólogo Leopold von Wiese, um dos fundadores da “Sociedade Alemã de Sociologia” e que até a imigração exercera o cargo de diretor da *Volkshochschule* de Colônia.<sup>5</sup> Honigsheim tinha também a vantagem de ser franco-alemão e, com isso, de dominar as duas línguas.

Ora, lidos atentamente, os números da *Zeitschrift* publicados pela Felix Alcan, no período que se estende de 1933 até 1940, possibilitam-nos acompanhar o intenso debate em torno da obra e do pensamento de Friedrich Nietzsche, que já ocupava o primeiro plano das controvérsias filosóficas da época, devido à sua apropriação pelo nazismo. E é principalmente na seção de resenhas que o debate acontece. Dele participam todos os membros mais ilustres do Instituto, tais como Horkheimer, Adorno, Benjamin e Marcuse, e colaboradores importantes e influentes como Karl Löwith e o próprio Paul Honigsheim.

- 
3. Wiggershaus, R. *Die Frankfurter Schule. Geschichte. Theoretische Entwicklung. Politische Bedeutung*, p. 153. Cf. ainda a respeito, Carta de Horkheimer a Sébastien Charléty, historiador e, à época, reitor da Universidade de Paris, de 21 de junho de 1933. In: Horkheimer, M. *Gesammelte Schriften*. Band 15: Briefwechsel 1913-1936. Frankfurt: Fischer, 1995, p. 108.
  4. Cf. a respeito o “Prefácio” de Horkheimer ao segundo número de 1933, ou seja, ao primeiro que foi publicado pela Felix Alcan.
  5. Wiggershaus, R. *Die Frankfurter Schule. Geschichte. Theoretische Entwicklung. Politische Bedeutung*, p. 153.

No volume II, por exemplo, de 1934, Honigsheim publica uma resenha com o título de “Taine, Bergson et Nietzsche dans la nouvelle littérature française”, na qual já faz algumas observações a propósito da recepção francesa dos três autores citados. A presença de Nietzsche se justifica, na medida em que suas idéias – precedidas pelas de Lutero e dos românticos – colocam em questão “o ideal racionalista” da civilização francesa. Concluindo sua resenha, Honigsheim faz uma breve e sintética apreciação de dois livros de Geneviève Bianquis<sup>6</sup>, da biografia de Nietzsche escrita por Félicien Challaye<sup>7</sup>, da conhecida obra de Thierry Maulnier<sup>8</sup> e do livro de Louis Vialle<sup>9</sup>, e termina sua apreciação apontando o que haveria de comum entre essas diferentes obras: 1) existe algo “constant” na obra de Nietzsche, apesar de suas claras variações; 2) a posição de Nietzsche não seria apenas “destrutiva”, mas também “afirmativa”, de tal modo que tanto os “católicos” quanto os “glorificadores do nacionalismo” se encontram amparados por ela. Segundo Honigsheim, estas duas características tornariam compreensível a aceitação de Nietzsche “no clássico país dos direitos do homem”.<sup>10</sup>

Herbert Marcuse, por sua vez, faz a resenha de dois livros sobre Nietzsche no volume VIII da *Zeitschrift*, de 1938: os de Heinrich Härtie<sup>11</sup> e Georg Siegmund<sup>12</sup>. Marcuse considera o livro de Härtie como representante da “posição oficial”, que gostaria de confirmar a afinidade entre Nietzsche e o nazismo.<sup>13</sup> Se,

- 
6. Bianquis, G. *Nietzsche en France*. Paris: Felix Alcan, 1929; \_\_\_\_\_. *Nietzsche*. Les Éditions Rieder, s/d.
  7. Challaye, F. *Nietzsche*. Paris: Libraire Melotté, s/d.
  8. Maulnier, T. *Nietzsche*. Paris: Libraire de La Revue Française, 1933.
  9. Vialle, L. *Détresses de Nietzsche*. Paris: Felix Alcan, 1933).
  10. Honigsheim, P. “Taine, Bergson et Nietzsche dans la nouvelle littérature française”. In: *Zeitschrift für Sozialforschung*. Herausgegeben von Max Horkheimer. Band II. Paris: Librairie Felix Alcan, 1934, p. 414.
  11. Härtie, H. *Nietzsche und der Nationalsozialismus*. München: Frans Eher Nachfolger, 1937.
  12. Siegmund, G. *Nietzsche, der Atheist und Antichrist*. Paderborn: Bonifacius-Druckerei, 1937.
  13. Marcuse, H. “Besprechung”. In: *Zeitschrift für Sozialforschung*. Band VII, 1938, p. 226.

por um lado, o livro de Härtie diverge de outros da mesma temática, na medida em que não dissimula as posições contraditórias de Nietzsche, por outro lado, acaba por construir uma “interpretação equivocada”, pois retira textos dos seus contextos. Assim, escreve Marcuse, “a luta de Nietzsche contra o anti-semitismo é concebida apenas como uma antiga forma de ódio aos judeus, suas críticas aos alemães apenas como algo na direção de uma forma vitoriosa de germanidade, etc.”. Em relação ao livro de Siegmund, Marcuse afirma que se trata de “um pequeno livro católico” que, entretanto, não almeja “nenhuma falsa salvação”: “Siegmund entende a forte influência de Nietzsche a partir da afinidade de seu anti-cristianismo e ateísmo, sobretudo em uma época cegamente individualista, em que os laços foram rompidos”.<sup>14</sup>

Nesta perspectiva e dentro dos limites deste artigo, restringiremo-nos aqui ao aspecto da recepção francesa de Nietzsche à época que mais encontrou repercussão nas páginas da *Zeitschrift*: trata-se da crítica contundente ao livro de Jaspers sobre Nietzsche, publicado em 1936, quando todos os principais membros do Instituto já estavam no exílio. Essa crítica acaba por revelar o alvo francês da crítica dos frankfurtianos: o grupo em torno de Jean Wahl e da revista *Recherches philosophiques*.

### A repercussão, na França, da interpretação “existencial” de Nietzsche por Karl Jaspers

Imediatamente após a publicação do livro de Karl Jaspers, *Nietzsche, Einführung in das Verständnis seines Philosophierens*, em 1936, Jean Wahl publica uma resenha do livro na revista *Recherches philosophiques*, que ele ajudara a fundar e dirigir.<sup>15</sup> A posição de Jean Wahl no interior da história da recepção francesa de Nietzsche é ressaltada por Jacques Le Rider da seguinte maneira: “ele foi um dos primeiros a tratar de Nietzsche com a mesma seriedade que

---

14. Idem, *ibidem*.

15. Wahl, J. “Le Nietzsche de Jaspers”. In: *Recherches philosophiques*. Vol VI, 1936-1937, p. 362.

Hegel ou Kierkegaard”.<sup>16</sup> O significado dessa posição não pode nos escapar: trata-se de alguém que considerava Nietzsche um “filósofo” e não um “literato”, como era comum à época. Nesta resenha, Wahl não apenas elogia o livro de Jaspers, mas também insere sua leitura de Nietzsche no conjunto da obra de Jaspers até então publicada, associando-o a Kierkegaard e tornando-os fundadores da “filosofia existencial”.

Quando apareceu a tradução francesa do livro de Jaspers, ocorrida apenas em 1950, Wahl foi convidado para escrever um “Prefácio”. Ele o faz na forma de uma “Lettre-Préface”, dirigida a Henri Niel, o tradutor. Nesta “carta prefácio”, Wahl reitera os aspectos fundamentais de sua resenha dos anos 1930. Retomando uma frase do próprio Jaspers, em que ele afirma a crescente importância de Nietzsche e Kierkegaard para a compreensão da “situação filosófica presente” em detrimento do lugar ocupado antes por Hegel e seus seguidores (leia-se aqui Marx e o marxismo), Wahl afirma: “Trata-se, pois, antes de tudo, de tomar consciência desses dois eventos filosóficos que são Nietzsche e Kierkegaard, sem jamais separá-los um do outro, cada um deles ganhando toda a sua significação, como se poderá mostrar, apenas por meio de sua relação e de sua oposição um ao outro”.<sup>17</sup> Entretanto, nesta “carta prefácio”, Wahl acrescentou, explicitamente, um outro elemento que, na resenha dos anos 1930, aparecia apenas de maneira implícita e bastante sutil: o nome de Heidegger. A esse respeito, após ter afirmado que Jaspers, ainda em 1917, no seu livro *Verdade e Existência*, havia nos alertado que tanto Nietzsche quanto Kierkegaard não são apenas produtos de uma época de mudança na história, mas, ao mesmo tempo, foram os que tomaram consciência da “beleza da época por vir”, ele escreve: “De fato nós estamos, tanto para Jaspers quanto para Heidegger, diante do fim da filosofia ocidental e da racionalidade considerada como objetiva e absoluta”.<sup>18</sup>

16. Le Rider, J. *Nietzsche en France. De la fin du XIXe. Siècle au temps présent*. Paris: PUF, 1999, p. 183.

17. Wahl, J. “Lettre-Préface”. In Jaspers, K. *Nietzsche. Introduction à sa philosophie*. Paris: Gallimard, 1950, p. I.

18. Idem, p II.

Assim, a interpretação de Jean Wahl reiterava não apenas a ligação íntima e absolutamente necessária entre Nietzsche e Kierkegaard, mas também aquela entre Jaspers e Heidegger.

A resposta a Jean Wahl nas páginas da *Zeitschrift* vai ser dada em dois momentos, por três diferentes autores, mas que se complementam por se dirigirem a um mesmo alvo: a crítica à recepção de Nietzsche por meio da “filosofia existencial” e a necessidade de relacionar Nietzsche e a “atualidade”. O primeiro momento se constitui no volume VI da revista, de 1937, em que tanto Löwith quanto Horkheimer escrevem sobre o livro de Jaspers; o segundo momento, no volume VIII, de 1939, ainda editado em Paris, mas quando a sede do Instituto já havia se mudado para Nova York, no qual aparece a resenha de Adorno sobre o livro de Wahl sobre Kierkegaard. Acompanhemos, rapidamente, o movimento desse três textos.

Löwith inicia sua resenha do livro de Jaspers com uma frase lapidar, que dá o tom do debate e da crítica: “No novo livro de Jaspers, simplesmente nada se percebe da atualidade de Nietzsche. Sua ampla introdução parece pairar além de todas as questões da época, no puro éter de um conhecimento universal”.<sup>19</sup> Ora, é bom lembrar que Jean Wahl havia escrito uma resenha do livro de Löwith sobre Nietzsche<sup>20</sup>, do mesmo modo que Löwith havia publicado dois artigos na *Recherches philosophiques*, em que ele apresenta o esboço de seus argumentos que, um pouco depois, serão desenvolvidos no seu livro *Von Hegel zu Nietzsche*.<sup>21</sup> Além

---

19. Löwith, M. “Besprechung”. In: *Zeitschrift für Sozialforschung*. Band VI, 1937, p. 405.

20. Wahl, J. “Notes”. In: *Nouvelle Revue Française*, mai 1937. O livro de Löwith é o famoso *A doutrina do eterno retorno de Nietzsche*, cuja primeira edição, de 1935, foi publicada pela editora Die Runde, em Berlim, quando seu autor já se encontrava no exílio. Sobre a recepção do livro de Löwith entre os membros do Instituto, já exilados, permito-me remeter a: Chaves, E. “Nietzsche en exil: a propos de la lecture du livre de Karl Löwith sur Nietzsche (1935) par Walter Benjamin”. In: D’Iorio, P.; Merlio, G. (ed.). *Nietzsche et l’Europe*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme, 2006.

21. Löwith, M. “L’achèvement de la philosophie classique par Hegel et sa dissolution chez Marx et Kierkegaard”. In: *Recherches philosophiques*. vol. IV,



disso, no mesmo volume em que Löwith publica “La conciliation hégélienne”, Paul-Laurent Landsberg publica também uma resenha bastante elogiosa do seu livro sobre Nietzsche que havia sido recentemente publicado na Alemanha.<sup>22</sup> Walter Benjamin, por sua vez, durante as negociações para encontrar uma editora francesa que publicasse uma coletânea de artigos de Horkheimer, irá sugerir, junto a Bernard Groethuysen (de quem partira a idéia) e Raymond Aron, a mesma editora da *Recherches philosophiques*, a Boivin.<sup>23</sup> Tudo isso implica dizer que as relações entre o grupo de Jean Wahl e os imigrantes alemães eram bastante cordiais, independente das diferenças, por exemplo, no que concerne à interpretação de Nietzsche.

Por outro lado, não podemos esquecer que no volume VI da *Zeitschrift*, de 1937, o mesmo em que aparecem as resenhas de Löwith e Horkheimer sobre o livro de Jaspres, foram publicadas também duas resenhas sobre números específicos da *Recherches philosophiques*: uma escrita por Walter Benjamin<sup>24</sup>, e outra por Raymond Aron<sup>25</sup>. É interessante ressaltar que nessas duas resenhas seus autores assinalam a forte ligação da revista com a “pesquisa alemã”, como diz Benjamin, ou com “doutrinas alemãs”, como o diz Aron, mas, ao mesmo tempo, não deixam de criticá-la: Benjamin, não por acaso, pela presença de uma “antropolo-

---

1934-1935; e \_\_\_\_\_. “La conciliation hégélienne”. In: *Recherches philosophiques*. Vol. V, 1935-1936.

22. Landsberg, P.-L. “Compte-Rendus”. In: *Recherches philosophiques*, vol. 5, 1935-1936, p. 535-7.
23. Horkheimer, M. *Gesammelte Schriften*. Band 16: Briefwechsel 1937-1940. Frankfurt: Fischer, 1995, p. 314. Tentando convencer Horkheimer da “seriedade” de Groethuysen, Benjamin afirma, entre outros, que “para ele [Groethuysen] Heidegger nada mais é do que uma moda literária”. Benjamin repete a sugestão em outra carta, escrita em 7.02.1938 (Idem, p. 379).
24. Benjamin, W. “Besprechung”. In: *Zeitschrift für Sozialforschung*. Band VI, 1937, pp. 173-4. A resenha de Benjamin refere-se ao volume IV, de 1934-1935.
25. Aron, R. “Besprechung”. In: *Zeitschrift für Sozialforschung*. Band VI, 1937, pp. 417-9. A resenha de Aron refere-se ao volume V, de 1935-1936.

gia ontológica e metafísica” na maioria dos artigos, que remonta a Scheler e a Heidegger<sup>26</sup>; Aron, por sua vez, assinala a “confusão ideológica, cujo testemunho é tanto a justaposição de artigos de orientações diferentes, quanto a qualidade nem sempre boa dos mesmos”, assim como critica os artigos que seguem a “filosofia existencial”, mal representada nos de Lévinas, Benjamin Fondane e Jeanne Hersch, esta última chamada de “discípula fervorosa de Jaspers”. Como se vê, havia tanto do lado alemão, aqui representado por Benjamin, como do lado francês, representado por Aron, uma desconfiança em relação à recepção francesa da filosofia alemã, que dizia respeito a Jaspers e Heidegger.

Após criticar Jaspers por não se posicionar diante da possível responsabilidade do próprio Nietzsche por sua apropriação pelo nazismo<sup>27</sup>, Löwith vai resumir sua crítica no seguinte aspecto: Jaspers aplica suas próprias concepções filosóficas à filosofia de Nietzsche e, com isso, acaba por produzir uma série de equívocos. O conceito de vida, por exemplo, transforma-se num “conceito existencial”, supondo uma referência à transcendência divina, apesar de todas as críticas de Nietzsche a essa possibilidade. Grosso modo, Jaspers transforma questões candentes colocadas por Nietzsche em uma “exigência existencial”. A crítica de Löwith tem como fundamento sua própria interpretação de Nietzsche, que já estava presente no seu livro de 1935, *A doutrina nietzschiana do eterno retorno do mesmo*. Assim, contra a posição de Jaspers de que a filosofia de Nietzsche seria comandada por um “movimento vertiginoso” ou que seria uma simples “conjuração do infinito”, Löwith reafirma a idéia de que a filosofia de Nietzsche seria um “sistema em aforismos”, permanentemente atravessado por uma questão central – o conflito entre querer de volta o antigo mundo “finito” e, ao mesmo tempo ansiar por um novo “para onde”, por uma nova meta – e cuja forma não seria uma vaga dialética, “mas

---

26. Benjamin, justamente, vai separar o artigo de Löwith publicado nesse número, por sua “atitude crítica” em relação a essa antropologia de cunho “existencial”.

27. Löwith também expressou a mesma crítica em carta dirigida a Jean Wahl, que foi anexada por este na sua resenha do livro de Jaspers, já mencionada.

caracterizada pelas três transformações, descritas no primeiro discurso de Zaratustra”.

Em uma carta a Löwith, escrita de Nova York em 27 de julho de 1937, Horkheimer comunica que escreveu uma “longa consideração” sobre o livro de Jaspers que deveria ser publicada no mesmo número, no do “outono” daquele ano, e justificando seu texto por uma preocupação com a repercussão do livro de Jaspers na França e em outros lugares. Trata-se, portanto, de tomar uma clara posição em defesa de Nietzsche contra as conseqüências dos equívocos de Jaspers, em especial quando lidos fora da Alemanha. A esse respeito, escreve Horkheimer:

Justamente porque na França e em outros lugares este livro tem grande repercussão, eu ainda gostaria de confrontar alguns problemas da exposição de Jaspers com os textos de Nietzsche, para mostrar como Jaspers se saiu em questões relativas aos judeus, aos franceses, aos alemães e à idéia de nação. Nós conhecemos tudo isso muito bem, mas em outros países essas coisas são desconhecidas.<sup>28</sup>

A crítica de Horkheimer pressupõe, antes de qualquer coisa, elementos da chamada “teoria crítica” em sua primeira fase. Assim, ela começa caracterizando o lugar da fala de Jaspers, que é o do “pequeno burguês”, e que por isso Jaspers fará um supremo esforço para tornar também o próprio Nietzsche um “pequeno burguês”. A finalidade dessa operação equivocada seria tornar a filosofia de Nietzsche aceita e palatável. Desse modo, a interpretação de Jaspers acaba revelando sua vinculação a uma ideologia “liberal”, cuja grave conseqüência teórica, mas também política, é a de “evitar os antagonismos” da filosofia de Nietzsche. Contra Jaspers, Horkheimer começa destacando a radicalidade do pensamento de Nietzsche, colocando-o em relação com Marx e Freud. Diz ele que “Nietzsche analisou o espírito objetivo de sua época, a constituição psíquica da burguesia”, numa espécie de antecipação, diríamos nós, das análises freudianas em seus textos sobre a

---

28. Horkheimer, M. *Gesammelte Schriften*. Band 16: Briefwechsel 1937-1940, p. 202-3.

cultura, algo que não escapou a Horkheimer. Por outro lado, não se poderia deixar de reconhecer, afirma Horkheimer, os elementos utópicos – e por isso mesmo emancipatórios – contidos na concepção do Além-do-homem. O problema, segundo Horkheimer, está no fato de que Nietzsche não conheceu Marx, mas apenas os social-democratas. A consequência disso é dupla: a primeira é que Nietzsche não pode conceber a meta do Além-do-homem como sendo a “sociedade sem classes”, um conceito que aos poucos se perde na Social-democracia; a segunda – Horkheimer tem em mente, muito provavelmente, a *Crítica ao programa de Gotha* – é que Nietzsche acabou por avaliar equivocadamente o caráter histórico do trabalho, ao pensar que o trabalho não poderia perder seu efeito escravizador. Apesar de tudo isso, não se poderia deixar de reconhecer em Nietzsche “o ódio por um mundo dominado pela economia”.

O conceito de Além-do-homem é a oportunidade de Horkheimer para não só fustigar Jaspers, como também para insistir na crítica à idéia de que Nietzsche seria o “precursor da sociedade totalitária” e àqueles que o tornaram o “profeta da dominação e da servidão”. E, neste diapasão, ele acrescenta: “Jaspers sabe muito bem disso. Ele percebe o abismo entre a doutrina do Além-do-homem e aquela que, na Alemanha, ele tem diante de si. Por isso, ele apresenta Nietzsche como um grande pensador alemão, legitima-o como ‘filósofo digno de tal nome’, que merece um ‘estudo apropriado’. Ele o desculpa, o torna aceitável”. Ou seja, embora Jaspers reconheça a distância entre Nietzsche e o nazismo, ele acaba, justamente por não enfrentar as contradições do pensamento de Nietzsche e por preferir valorizá-lo, introduzindo-o no panteão dos “grandes filósofos”, por torná-lo aceitável e, com isso, inofensivo. Aliás, poderíamos acrescentar: “aceitável” e “inofensivo” como o próprio Jaspers, que preferiu, apesar de tudo, continuar na Alemanha.<sup>29</sup>

---

29. Sobre a distância de Horkheimer (e de Adorno, certamente) em relação ao livro de Jaspers sobre a culpabilidade dos alemães, de 1946, ver, entre outros, a carta de Horkheimer a Paul Massing, de 23 de julho de 1947. In: Horkheimer, M. *Gesammelte Schriften*, Band 17: Briefwechsel 1941-1948, p. 864-5.

Conforme anunciara na carta a Löwith acima citada, Horkheimer confronta a interpretação de Jaspers e os textos de Nietzsche sobre os franceses, os judeus, os alemães e sobre a idéia de nação. Para Horkheimer, na linguagem de Jaspers, o lugar dos franceses e judeus, tão decisivo para a compreensão do pensamento de Nietzsche, torna-se um lugar apenas “neutro” ou ainda “secundário”, até mesmo “depreciativo”. No que concerne aos franceses – e aqui nos limitaremos a esse exemplo –, Horkheimer invoca uma célebre passagem do *Ecce homo*, em que Nietzsche rende sua última grande homenagem aos franceses, que se inicia com a célebre frase “creio apenas na cultura francesa”.<sup>30</sup> Nietzsche, como sabemos, invoca a tradição francesa por meio de Pascal, Montaigne, Molière, Corneille, Racine, assim como os “sensíveis psicólogos” de sua época, como Paul Bourget, Pierre Loti, Gyp, Meilhac, Anatole France, Jules Lemaitre e Guy de Maupassant. Ao mesmo tempo, deplora a degeneração dos espíritos franceses, como Taine, pela filosofia alemã. Horkheimer anota então que esse elogio, francamente anti-nacionalismo alemão, é suavizado por Jaspers quando este escreve: “Nietzsche, por *um longo tempo*, estimou os franceses La Rochefoucauld, Fontenelle, Chamfort, mas especialmente, de maneira extraordinária, Montaigne, Pascal e Stendhal”. É Horkheimer quem grifa “por um longo tempo”, justamente para indicar o equívoco de Jaspers, pois não se trata de uma admiração por “um longo tempo”, mas de uma admiração que percorre a obra, que é decisiva e fundamental para a obra de Nietzsche. Além disso, a exclusão de nomes como Maupassant e Anatole France deve-se, segundo Jaspers, ao fato de que Nietzsche teria se equivocado na avaliação desses autores. Assim, Jaspers projeta sobre Nietzsche os seus próprios gostos literários. Na verdade, é como se gostar de Pascal ou Stendhal ainda fosse perdoável na Alemanha, mas elogiar esses outros seria absolutamente incompreensível.

Pode-se, então, entender porque o texto de Horkheimer acaba por se constituir numa “defesa de Nietzsche”. Para ele,

---

30. Nietzsche, F. *Ecce homo*, “Porque sou tão inteligente”, 3. In: \_\_\_\_\_. *Kritische Studienausgabe*. Berlin/München/New York: Walter de Gruyter, 1986, vol. 6, p. 285.

“Nietzsche é tão desconhecido no estrangeiro, que é visto mesmo por muitos espíritos progressistas como um precursor da situação atual. Pensa-se nele como uma mistura entre um louco genial e um segundo-tenente fanfarrão”. Horkheimer não deixa de reconhecer que, nessa perspectiva, algumas vezes o livro de Jaspers aparece como uma “corajosa destruição dessa lenda”. Isso, entretanto, não o faz recuar de sua crítica, e ele considera o livro de Jaspers como “profundamente falso”. E esse caráter “falso” do livro começa, justamente, pela recusa de Jaspers em confrontar Nietzsche com os acontecimentos de então. Assim sendo, ao contrário da imagem cunhada por Jaspers de um Nietzsche “sozinho com sua obra”, é preciso afirmar que “Nietzsche tinha um objetivo histórico determinado, cuja realização ele levou a sério”. Se Nietzsche, como o próprio Jaspers afirma, “não recuou diante de nada”, Jaspers desconheceu essa lição, pois recuou diante da crítica de Nietzsche tanto à situação da época quanto ao tipo de homem que aí dominava. É apenas esquecendo a “matéria histórica” constitutiva de seu pensamento que se pode tornar Nietzsche aceitável, e assim torná-lo um instrumento nas mãos tanto do pequeno-burguês quanto do apologeta.

A participação de Adorno nesta controvérsia se dá de uma maneira indireta, porém igualmente crítica. Digo de uma maneira indireta porque Adorno não escreveu mais uma resenha do livro de Jaspers, mas sim uma resenha do livro de Jean Wahl sobre Kierkegaard.<sup>31</sup> As relações de Adorno com Jean Wahl estão documentadas na correspondência. Em 12 de maio de 1937, Adorno escreve de Oxford a Horkheimer em New York, relatando sua passagem por Paris: “Não conheço pessoalmente Jean Wahl, mas ele leu meu livro sobre Kierkegaard e deve ter ficado bastante impressionado, pois me convidou por meio de Klossowski para trabalhar na *Recherches philosophiques* (convidou também a Benjamin). Ele é uma pessoa realmente muito importante”.<sup>32</sup> O próprio Horkheimer, por sua vez, em carta a Adorno, de 24

31. Wahl, J. *Études Kierkegaardiennes*. Paris: Éditions Moutaigne, 1938.

32. Horkheimer, M. *Gesammelte Schriften*. Band 16: Briefwechsel 1937-1940, p. 144.

de maio de 1937, refere-se aos planos de tornar Wahl o representante do Instituto na França.<sup>33</sup> A aproximação entre os membros do Instituto e Wahl também é fomentada pela mediação de Klossowsky, que informa a Horkheimer ter consultado Wahl para escrever o prefácio à tradução francesa de *Egoismus und Freiheitbewegung*.<sup>34</sup> Horkheimer concordou prontamente com a sugestão, conforme a carta de 29 de junho de 1937 a Klossowsky. Em carta de Paris, em 7 de agosto de 1937, Adorno comunica a Horkheimer que finalmente conheceu Wahl, de uma forma não oficial, por meio de Alexander Koyré, acrescentando que o contato foi “totalmente simpático”.

Entretanto, as relações próximas entre o Instituto e Jean Wahl e seu grupo não impediram a crítica de Adorno. A resenha começa como as anteriores, de Löwith e Horkheimer sobre o livro de Jaspers, de modo bem contundente e direto:

Desde a recepção da obra de Max Scheler forma-se na França escola de filosofia existencial, que se agrupa em torno da *Recherche philosophiques* e propaga as idéias de Heidegger e Jaspers. O compêndio de Jean Wahl justifica esse esforço por meio de uma documentação e remete a Kierkegaard a origem da filosofia da existência, pressupondo claramente a filosofia acadêmica alemã do ser e do *Dasein*.<sup>35</sup>

Embora Adorno não se refira explicitamente à polêmica em torno do livro de Jaspers, ele toma um partido nela. Isso se dá no interior da crítica de Adorno à transformação de Kierkegaard por Wahl em um “clássico”, ou seja, em alguém cuja filosofia está canonizada no panteão dos filósofos, e estéril em relação aos problemas do presente. Desse modo, segundo Adorno, desaparece a crítica social de Kierkegaard. Neste diapasão, Nietzsche é citado a partir do próprio livro de Wahl: “Kierkegaard est avec Nietzsche

33. Idem, p. 160.

34. Idem, p. 167.

35. Adorno, T. W. “Besprechung”. In: “Besprechung”. *Zeitschrift für Sozialforschung*, Band VIII, 1939, p. 233.

le maître de la dialectique existentielle”. Nesta perspectiva, ao caracterizar a interpretação de Wahl, nos rastros de Jaspers e Heidegger, como “conformista e ideologicamente torcida”, e ao referir-se à citação de Wahl, que reúne Kierkegaard e Nietzsche sob a rubrica da filosofia existencial, Adorno está, como Löwith e Horkheimer já o tinham feito, criticando tanto o livro de Jaspers sobre Nietzsche quanto sua calorosa recepção por Jean Wahl e seu grupo.

Jean Wahl respondeu a Adorno por meio de uma carta ao *Journal of Philosophy*, onde a resenha fora publicada em 1936. Na sua réplica, Adorno reiterou os termos de sua crítica: a subordinação de Kierkegaard a uma exegese tão minuciosamente “científica” encobria as mudanças que sua filosofia imprimiu, devido à fundamentação de Wahl na filosofia existencial contemporânea. Nesta situação, independente das posições políticas pessoais de Wahl, Adorno via em sua interpretação uma afinidade com as palavras-de-ordem politicamente autoritárias.<sup>36</sup>

Para finalizar, podemos dizer que o tom das três críticas aqui apresentadas pode ser atribuído, especialmente, a Horkheimer. Em uma carta a Walter Benjamin, de 23 de fevereiro de 1939, ele expressa, sem meias-palavras, sua opinião sobre os intelectuais franceses: “O que há de específico na situação intelectual francesa atual é sua terrível falta de conhecimento sobre tudo o que acontece fora da França”.<sup>37</sup> Mais adiante, na mesma carta, dá como exemplo desse desconhecimento justamente a filosofia de Nietzsche:

Para retornar à falsa orientação dos intelectuais franceses, gostaria de, mais uma vez, referir-me à interpretação de Nietzsche, que mencionei anteriormente, creio, em uma carta ao senhor. A imagem que a maioria dos intelectuais franceses progressistas fazem de Nietzsche, revela-se não tanto nas declarações pobres de

36. Horkheimer, M. *Gesammelte Schriften*. Band 16: Briefwechsel 1937-1940, p. 598, nota 3.

37. Idem, p. 565.



espírito deste número especial da *Acéphale*, quanto no papel que Freud desempenha nas publicações de vanguarda.<sup>38</sup>

Horkheimer tem em mente bem mais os intelectuais que propagam as idéias da filosofia da existência, do que a recepção de Nietzsche pela direita francesa na época.<sup>39</sup>

### Considerações finais: ontem e hoje

A polêmica em torno da recepção do pensamento de Nietzsche na França, mediada pelo livro de Jaspers, mostra o quanto os intelectuais alemães assinalam os equívocos dos franceses em relação à filosofia alemã. Esta certamente não foi nem a primeira, nem será a última vez que isso acontece. Entretanto, a posição de Horkheimer e Adorno na década de 1930 era bem diferente daquela tomada a partir do final década de 1970 por Jurgen Habermas, um herdeiro controverso da Teoria Crítica. Se no período que delimitamos em nosso texto, Adorno e Horkheimer (mais que Löwith, por incrível que pareça!) insistiam em desvincular Nietzsche da filosofia da existência e das ideologias totalitárias, um risco sempre presente na calorosa acolhida dada na França ao livro de Jaspers, Habermas insistirá, contra seus mestres, em vincular Nietzsche a um pensamento reacionário e conservador, fonte de todos os mal-entendidos “pós-modernos”, dominante na filosofia francesa da era pós-Sartre. O Nietzsche “Aufklärer”, que revelou a estrutura psíquica da burguesia, que criticou a dominação da sociedade pela economia, é substituído pelo Nietzsche inimigo da democracia, de uma ética universal e dos direitos humanos. Mas, lá como aqui, ontem como hoje, a França é o fiel da balança, como se o destino do pensamento de Nietzsche estivesse vinculado ao que os franceses fizeram dele. Esse “diagnóstico” também se aplica ao Brasil, na medida em que

38. Idem, *ibidem*. Não entraremos aqui no debate em torno do famoso número especial da *Acéphale*, que exigia “recuperar Nietzsche” diante das leituras nazistas. Para isso, remeto ao meu artigo anteriormente citado.

39. Cf. Serra, M. “Nietzsche und die französischen Rechten”. In: *Nietzsche-Studien*, vol 13, 1984.

nossa recepção da filosofia de Nietzsche também está diretamente implicada com sua recepção francesa, embora situada num período diferente e acoplada a um marco teórico bem distinto daquele do círculo em torno de Jean Wahl.

### Bibliografia

- ADORNO, T. W. “Besprechung”. In: *Zeitschrift für Sozialforschung*. Herausgegeben von Max Horkheimer. Band VIII. Paris: Libraire Felix Alcan, 1939.
- ARON, R. “Besprechung”. In: *Zeitschrift für Sozialforschung*. Herausgegeben von Max Horkheimer. Band VI. Paris: Libraire Felix Alcan, 1937.
- BENJAMIN, W. “Besprechung”. In: *Zeitschrift für Sozialforschung*. Herausgegeben von Max Horkheimer. Band VI. Paris: Libraire Felix Alcan, 1937.
- BIANQUIS, G. *Nietzsche en France*. Paris: Felix Alcan, 1929.
- \_\_\_\_\_. *Nietzsche*. Les Éditions Rieder, s/d.
- CHALLAYE, F. *Nietzsche*. Paris: Libraire Melotté, s/d.
- CHAVES, E. “Nietzsche en exil: a propos de la lecture du livre de Karl Löwith sur Nietzsche (1935) par Walter Benjamin”. In: D’ IORIO, P.; MERLIO, G. (éds.). *Nietzsche et l’Europe*. Paris: Éditions de La Maison des Sciences de l’Homme, 2006.
- HÄRTIE, H. *Nietzsche und der Nationalsozialismus*. München: Frans Eher Nachfolger, 1937.
- HONIGSHEIM, P.-L. “Taine, Bergson et Nietzsche dans la nouvelle littérature française”. In: *Zeitschrift für Sozialforschung*. Herausgegeben von Max Horkheimer. Band III. Paris: Libraire Felix Alcan, 1934.
- HORKHEIMER, M. “Bemerkungen zur Jaspers ‘Nietzsche’”. In: *Zeitschrift für Sozialforschung*. Herausgegeben von Max Horkheimer. Band VI. Paris: Libraire Felix Alcan, 1937.
- \_\_\_\_\_. *Gesammelte Schriften*. Frankfurt: Fischer, 1995.
- LE RIDER, J. *Nietzsche en France. De la fin du XIXe. Siècle au temps présent*. Paris: PUF, 1999.
- LÖWITH, K. “L’achèvement de la philosophie classique par Hegel et sa dissolution chez Marx et Kierkegaard”. In: *Recherches philosophiques*. Volume IV, 1934-1935.
- \_\_\_\_\_. *Nietzsches Philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen*. Berlin: Die Runde, 1935.

- \_\_\_\_\_. “La conciliation hégélienne”. In: *Recherches philosophiques*, Volume V, 1935-1936.
- \_\_\_\_\_. “Besprechung”. In: *Zeitschrift für Sozialforschung*. Herausgegeben von Max Horkheimer. Band VI. Paris: Librairie Felix Alcan, 1937.
- MAULNIER, T. *Nietzsche*. Paris: Librairie de La Revue Française, 1933.
- NIETZSCHE, F. *Ecce homo*. In: \_\_\_\_\_. *Kritische Studienausgabe*. Berlin/München/New York: Walter de Gruyter, 1986.
- SERRA, M. “Nietzsche und die französischen Rechten”. In: *Nietzsche-Studien*, Band 13, 1984.
- SCHMIDT, A. “Die *Zeitschrift für Sozialforschung* und seine Gegenwärtige Bedeutung”. In: *Zeitschrift für Sozialforschung*. Photomechanischer Nachdruck mit Genehmigung des Herausgebers. München: Kösel-Verlag, 1970.
- SIEGMUND, G. *Nietzsche, der Atheist und Antichrist*. Paderborn: Bonifacius-Druckerei, 1937.
- VIALLE, L. *Détresses de Nietzsche*. Paris: Felix Alcan, 1933.
- WAHL, J. “Le Nietzsche de Jaspers”. In: *Recherches philosophiques*. Vol. VI, 1936-1937.
- \_\_\_\_\_. “Notes”. In: *Nouvelle revue française*, maio 1937.
- \_\_\_\_\_. *Études Kierkegaardianes*. Paris: Éditions Montaigne, 1938.
- \_\_\_\_\_. “Lettre-Préface”. In: JASPERS, K. *Nietzsche. Introduction à sa philosophie*. Paris: Gallimard, 1950.
- WIGGERSHAUS, R. *Die Frankfurter Schule. Geschichte. Theoretische Entwicklung. Politische Bedeutung*. 2. Auflage. München: DTV Verlag, 1989.
- Zeitschrift für Sozialforschung*. Herausgegeben von Max Horkheimer, Paris: Librairie Felix Alcan, 1936-1940.